

RIO DE MOINHOS

1903



# Folhas Soltas

FEVEREIRO

NUMERO 4

Director e editor,  
**Francisco Egidio Salgueiro**

Composição e impressão na Typographia de Frago & Leonardo — Portalegre



Dr. Francisco Eduardo Solano de Abreu



## Dr. Solano de Abreu

**D**E todas as profissões do mundo, a mais nobre, a mais bella e a mais productiva, é, sem duvida, a *agricultura*.

Cultivar a terra, extrahindo d'ella toda a riqueza que constitue o bem estar da Humanidade, é a unica missão que se nos affigura patriótica, importante e a de maior utilidade, entre todas as que constituem a economia do nosso paiz. Sem ella as industrias e o commercio não teriam bases solidas e a riqueza publica não existiria, pois é facto consumado e assente, que da prosperidade do nosso lavrador e do operario do campo depende a de todas as outras classes trabalhadoras e a de todos os interesses geraes.

A profissão agricola eleva-se na estima de todos; e um dos melhores meios de a nobilitar é engrandecel-a como arte, como industria e como sciencia. Para engrandecel-a é mister esclarecer todos os seus processos culturaes e technologicos, afim de a tornar proveitosa a todos e lucrativa a quem a exerce.

As nações que firmam a sua existencia economica principalmente na industria agricola, sem por isso excluir as outras manifestações do trabalho, são as mais robustas e as que dispõem de maiores recursos para se desenvolverem depressa, e as que possuem elementos mais preciosos de riqueza e de civilização.

O nosso paiz é essencialmente agricola. Todos o dizem! Mas é infelizmente um dos que anda mais affastado dos progressos que lhe cumpre realisar, apesar de ainda não ha muitos annos se ter operado um movimento n'es-

se sentido. E entre a phalange de adeptos d'essa cruzada, que desejando o resurgimento d'esta malfadada terra, pelo desenvolvimento dos seus recursos naturaes, mais tem contribuido para esse desideratum, labutando nos campos a dar salutaes exemplos aos seus conterraneos, inculcando-lhes melhor orientação nos seus trabalhos, divulgando pelo jornal, pelo livro e pela palavra, o melhor caminho para aumentar a productividade da terra, salienta-se o nosso presado amigo, o sr. dr. Solano de Abreu.

Tem a sua lavoura em Abrantes. E' aqui o seu baluarte de propagandista agricola.

A acertada direcção de todos os trabalhos da sua casa de lavoura, onde todos vão colher proveitosa lição, a dedicação incansavel em promover o engrandecimento da terra que lhe foi berço, fizeram-no querido e respeitado por todos os que sabem prestar as devidas homenagens aos que desinteressadamente trabalham. Mas a sua conducta, em Abrantes e os seus escriptos grangearam-lhe no paiz uma corrente de estima e de respeito pelo seu nome, sendo justo consignar o dr. Solano de Abreu como um dos melhores cooperadores que teem posto o seu grande valor em prol do desenvolvimento da agricultura portugueza. Bem haja.

Lisboa--26--Janeiro.

JOSE ERNESTO DIAS DA SILVA



## JOÃO DE DEUS

*Campo de flôres chamaram  
Ao livro onde juntaram,  
Um a um, os versos teus...*

*Campo de flôres te deram  
Corações que te quizeram  
Como se quer só a Deus!*

ALFREDO DA CUNHA.

## Pelas crianças

**V**OLTAVA a Jerusalem o Mestre com o seu pequeno rebanho de discipulos.

O povo, alvoroçado pela vinda desse mensageiro d'uma doutrina de amor que acordava nas almas oprimidas sentimentos doces e seductores, saia em chusma os muros da cidade santa, ao seu encontro.

—Mestre, deixai nos ouvir mais uma vez a vossa encantadora palavra.

Jesus subiu a um pequeno cabeço e começou a desferir a eterna canção de effluvios magicos e consoladores.

Então se ouviram essas sublimes palavras que consubstanciam toda a virtude magica, irrefutavel e ainda hoje incomprehendida, que ficou com o nome de *Sermão da Montanha*.

\*

Apinhava-se a turba em volta do prégador... E as crianças, em cuja alma pura ecoavam como notas sagradas aquelles doces trenos de amor, metiam-se por entre os grandes, forcejando por ver quem tão meigamente lhes falava... E os grandes, agoniados e insoffridos, repelião as crianças que tinham por impertinentes e desnecessarias ali.

Foi então que da magestosa bocca de Jesus sahiram as mais fecundas palavras que serviram de thema á sua these mais sublime:

«Deixai vir as crianças para o pé de mim...»

\*

Um movimento de pudor, de respeito, avigorado pelo longo silencio, fez que o rebanho se abrisse em estradas, por onde o rebanho passou indo, alacre e alegre, faser a côrte angelica do prégador...

Jesus acarinhou-as; algumas sentou em seus joelhos, a outras escolheu logar, a todas distribuiu afagos de pai e abriu



o seu apolo de luz eterna: — Quem quizer subir tão alto, que possa chegar ao ceu onde está meu pae, é preciso que desça, tanto, tanto, que se nivele com as criancinhas ..

Eis, amavelmente, a caridade, não como a praticais vós, ó orgulhosos e infatuados que repartis vossos titulos de vangloria; mas como a precisamos de merecer todos, que queiramos ser ricos das sublimes recompensas espirituaes, que só pela consciencia podem ser apreciadas.

Eis, socialmente, humanitariamente, a grande necessidade d'um futuro de vida, de energia, de valor civico e patriotico.

Crianças são todos os humildes, a quem os poderosos devem tratar com carinho generoso e fortificante; ahí a unica comprehensão da caridade christã. Não é uma virtude material, como a fizeram; disso não cuidava Christo, cujo reino era todo espirital, sentimental.

Crianças são todos os cegos da alma, a quem a cubiga dos regulos convem manter na cegueira, para tripudear sobre ella.

Por isso, vós outros, que abris os olhos aos cegos pelo ensino, sois os verdadeiros apóstolos da verdadeira caridade.

A. ZEFERINO CANDIDO.

## LENDA

Ao dr. José de Castro

(Sobre um velho conto colhido em Traz-os-Montes)

**E** isto foi ha milhões de milhões de seculos!...

Deus, todo Poderoso e Augusto, tinha creado o homem á sua imagem e semelhança. N'um sorriso que lhe afluorou

aos labios, enviou-lhe a alma, o mais precioso dos dons. A alma humana é sorriso divino; mas o orgulho e a vaidade empanaram-lhe o brilho, envolveram-na em tão densas trevas, que é já um milagre que a todos nos faz estremecer, vê-la radiante e linda nos raros espiritos que sobem em delirios de bondade a fazer vertigens aos que ficam em baixo...

E, como n'esse dia, Deus estivesse contente com a sua obra, desceu do throno de ouro e pedrarias, mais brilhante que milhões de soes! Vestido da brancura lillal do linho, as longas barbas muito brancas, caindo sobre a tunica resplandecente. Elle foi, glorioso e magnifico, acompanhado de legiões de santos e anjos, almas musicaes e transparentes, mais brancas que raios de luar, amoveis, doces e perfumadas, como flores de um ideal jardim. abençoar, santificar com a sua presença, a habitação do homem... Mas, quando voltou a assentar-se no seu throno de ouro e pedrarias, mais brilhante que milhões de soes, eis que o achou occupado pelo mais lindo, mais sabio e mais querido dos anjos, que formavam a sua côrte celestial!... O orgulho e a vaidade, entrando no coração de Lucifer, tocaram-no de mal incuravel. Foi como um rastilho de fel que lhe amargurou para sempre a alma, que fôra pura e luminosa como o cristal mais puro!... Mal contagioso, como todo o mal, a ingratidão de Lucifer arrastou após si innumeros anjos que lhe faziam uma côrte de respeitos deante do throno negando, o seu verdadeiro Senhor e Creador!...

E Deus, mortificado, mais que indignado, dizia-lhe, paternal e doce: — Lucifer, levanta-te que esse logar não te pertence!...

— Quem está bem deixa-se estar! — Respondeu o orgulhoso. Por tres vezes Deus o mandou e elle respondeu o mesmo.

E perguntou ao Sol: — Quem está bem deixa-se estar?... Luminoso como a verdade, respondeu: — Não, que esse logar não te pertence!

E disse ao Vento: — Quem está bem deixa-se estar?

E o vento melancolico, muito grave, suspirou ao longe: — Não, que esse logar não te pertence!

A lua, muito pallida, sorria na placidez infinita. Olhando a, perguntou raivoso: — O' lua, quem está bem deixa-se estar?...

Cobardemente, ella respondeu:

— Deixa!...

Mas, a paciencia divina tem limites. Com um volver d'olhos, Deus fulminou o rebelde, orgulhoso e ingrato. Do throno de ouro, refulgente de pedrarias, mais brilhante que milhões de soes, — Lucifer caiu na eterna noute do peccado, sem arrependimento nem esperança. E por ser a lua a unica que lhe deu rasão na rebeldia, estiveram a cair do ceo as almas dos anjos revoltados, durante o espaço de uma lua!...

Cairam! Mas encontrando a girar no espaço, risonho, novamente feito, esse mundo ideal a que Deus sorrira, — toda a legião de maus espiritos se precipitou para elle, levando-lhe o eterno mal nos defeitos que os tinham perdido.

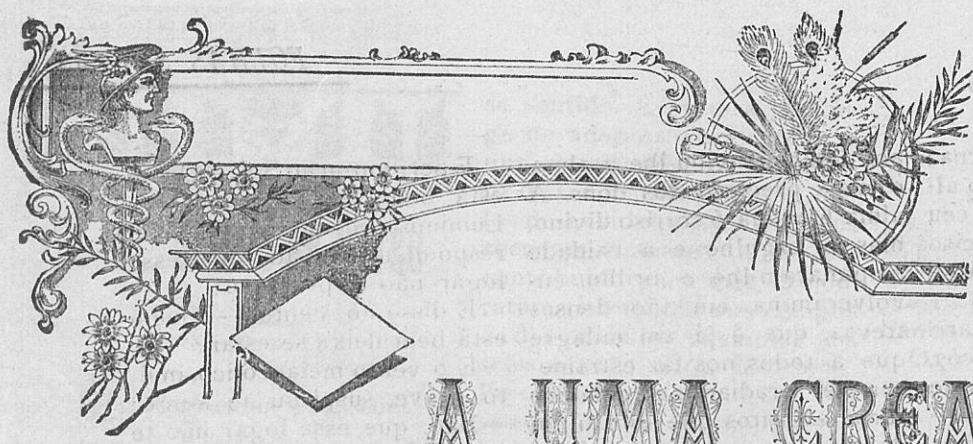
E o homem não resistiu! Ouvindo essas vozes que se levantavam em revoltas de genio, fallando com altivo desdém de tudo que era bom, santo e primitivo; ergueu-se n'uma aspiração de luz e rolou no pó: — A cabeça desfeita em sonhos, o coração sangrando miserias!...

Vaidades, orgulhos espezi nhados; gritos de profundo tédio e immenso desespero, que atravessam o espaço infinito, impassivel, mudo; n'um fremir de nervos irritados, n'um eterno cortar de carne viva por facas mal afiadas ..

Setubal.

ANNA DE CASTRO OSORIO.





## A UMA CRIANÇA

Formosa criança  
que brincas contente,  
correndo em folgança  
na relva do prado  
atrás do innocente  
insecto dourado:  
com que timidez  
procura um asylo  
no fresco pistillo  
da roza, não vês?

Tem dó do coitado,  
que mal te não fez...

Se alguém, mais possante,  
quizesse prender-te,  
e tu, offegante,  
tentando esconder-te,  
achasses guarida  
na chicça, na ermida,  
por entre o silvado,  
passava-te o medo,  
voltava a alegria...

Calcula o prazer  
que não sentiria  
o bichinho, ao ver  
que tu te afastavas  
e livre o deixavas  
voar, doidejante,  
no relvado em flor,  
nos leiros trigueiros...

Não prosigas mais  
esse insecto, amor!...

Porque has de ao pequenino coração  
desse animal tão lindo, tão dourado,  
fazer descer as térvias da afflicção?...

Deixa-o voar! deixa-o voar no prado!...

Heliodoro Salgado.



## TIAGO ABREU

Não ha muitos annos. Tiago Abreu annunciara a venda dos productos do montão de um dos seus casaes. Veem pretendentes. Um d'elles offerece quantia

dentro: Perdera mais de um conto de réis! Ficava quasi sem cousa alguma do pouco que possuia!

Tiago Abreu, convencendo-se de que o contracto não podia ter dado vantagens ao comprador, e condoido da situação d'este, abre o cofre, tira 700\$000 réis e offerece os ao pobre homem.

A bella alma de Tiago Abreu manifestou se em todo o brilho na acção que acabara de praticar.

Nada mais precisariamos de

tem prestado serviços de valor; como presidente do theatro contribuiu efficazmente para a sua restauração, offerecendo ainda ha poucos mezes toda a quantia de que era credor; como vereador, mostrou quanta dedicação lhe mereciam os interesses do municipio e a segurança da vida e haveres dos abrantinos.

Mas... a que partido politico pertence Tiago Abreu.

Não sabemos.

O que podemos affirmar é que o seu coração, na vida



Thiago Hypolito Solano de Abreu

avultada, superior a toda a expectativa.

Acceito o contracto e reduzido a escrito, Tiago Abreu embolsa todo o preço da venda.

Sebastião Mendes, o comprador, procede á extracção da cortiça e, trinta dias depois, entra, banhado em lagrimas, escritorio de Tiago Abreu a

dizer para attestar os sentimentos altruistas de Tiago Abreu, para fazer destacar esse vulto sympathico do nosso concelho que pertence indubitavelmente á pleiade dos benemeritos, que teem direito á nossa veneração, á estima e á consideração dos seus semelhantes.

Ao monte pio de Abrantes

intima, é um thesouro inexgotavel de bondade e de delicadezas. De uma dedicação illimitada pelos amigos, Tiago Abreu, illustre pelo seu caracter honesto e respeitabilissimo, tornou se credor, como já dissemos, da admiração e da estima de todos os que o conhecem de perto.





## A ignorancia do povo

Incontestavelmente um bello movimento se vae pronunciando em favor das creanças e das mulheres portuguezas, as mais despresadas e desgraçadas — com ligeiras excepções — de quantas creaturas habitam esta sociedade cheia de caturrices e preconceitos de velha dona beata, que em vão é sacudida pelos filhos melhores, que o amor da justiça faz gritar, agitar se e arder no fogo sagrado.

Uma grande revolução se está preparando, e, como todas as grandes revoluções que têm transformado as sociedades, começa por revolucionar almas formando um nucleo de nobres espiritos, que pelo bem dos outros se sacrificam sem esperar pagas, nem incentivos de grosseiros interesses.

E' claro que os governos não têm metido prego nem estopa para este movimento, nem é preciso que metam, se alguma cousa de util houver de fazer-se; porque aquelles senhores querendo fundar hospitaes, ou escolas ou creches para o povo, tratariam logo de augmentar uns *pòsinhos* á contribuição paga pelo mesmo povo, empregar alguns inuteis afilhados e abrigar uma duzia de creanças, quando ha milhares que reclamam — *Jus tica*.

A iniciativa particular tem feito mais, em poucos mezes, do que os governos de ha cincoenta annos.

Senão, vejamos o que os poderes publicos têm feito de praticamente aproveitavel com as suas leis e escolas officiaes tão inuteis por mal dirigidas. — Como todos sabemos, está a instrucção obrigatoria decretada em Portugal ha tem-

po bastante para que a presente geração fosse filha e neta de gente sabendo lêr. E o que succede?...

O numero de analphabetos é pavoroso, e os que sabem alguma cousa é tam pouco e tam mal aprendido, que bem se pode dizer que igualmente nada sabem.

Isto porque o professor é em geral, uma pessoa que tem aquelle officio com a indifferença com que poderia ter outro qualquer. Não tem amor ás creanças, não se interessa porque aprendam a ler para comprehenderem, para conhecerem as ideias mais geraes, para terem uma noção, sequer, das tantissimadescobertas com que dia a dia se augmentam os conhecimentos humanos, para se utilisarem emfim praticamente do que aprenderem; nada! Interessam se por um ou outro mais intelligente, que fará exame e lhes trará gloria e lucro.

O resto, a turba-multa, quando o trabalho os reclama para fora da escola, sabem soletrar, não aprenderam a comprehender, não aprenderam a usar intelligentemente *d'esse favor da sociedade*.

E como — hão-de os professores, também, fazer alguma coisa, miseravelmente remunerados como são educados por archaicos processos, sem uma feição pratica e utilitaria, num paiz em que não ha literatura popular de vulgarisação e ensino?

Na verdade ha leis que obrigam os pais a mandar os filhos á escola; mas que monta, se essas mesmas leis exigem dos pequenos estudantes o uso de sapatos — e os pais não têm dinheiro para comer, quanto mais para essa exigencia da civilisação, bem anti-hygienica, por signal, em quem se não lava?!

Fazem-se leis obrigando os pais a mandar os filhos para as escolas; mas que importa isso, se para aprenderem precisam de comprar livros e elles não têm dinheiro para pão?!

Fazem-se leis obrigando os

pais a mandar os filhos á escola; mas como poderão as crianças estar umas poucas de horas sem comer, se os pais lhe não podem dar merendas e cá por fora sempre vam *dézreisitos* em troca de serviços, rebuscando, farejando, pedindo como cães vadios, mas emfim comendo?!...

Fazem-se leis obrigando os pais a mandar os filhos á escola; mas de que serve isso, se a escola é de dia como a officina e a fabrica, e os pais necessitam do trabalho da criança, ou ganhando salario ou ficando-lhes em casa com os irmãositos mais pequenos em quanto as mães vam moirer por fóra?!

Segue se, pois, que a criança do povo está condemnada a uma eterna penitenciaria de ignorancia, se antes da escola não houver a crèche, não houver o hospital para as parturientes, se antes do hospital a *maternidade* — a casa onde a mulher passa com descanço, commodidade e fartura os ultimos mezes da gravidez; se ao lado da escola não houver a officina, o a ylo modelo donde a criança, rapaz ou rapariga, saia preparada para ganhar a sua vida segundo a escolha do officio que fez, sabendo lêr, escrever e contar sabendo pensar, comprehender e refletir. Senhores de si, com um nobre orgulho da sua posição, seja ella qual for, com os seus passeios, as suas alegrias, as suas festas, sem odios de esfomeados, sem invejas surdas aos que vestem melhor e hoje sam imitados pelo povo, que já despresou os lindos trajos nacionaes para se tornar em macaqueador das modas burguezas, que serão bonitas e artisticas quando boas, mas que nas imitações baratas dão a triste impressão de trapos de entrudo.

ANNA DE CASTRO OSORIO.







## Historia de um papagaio

ERA uma vez um rapazinho que muito gostava de andar á procura de ninhos e armar aos passaros. Sahia n'isso ao pae, que andava constantemente á caça, mas porque era esse o seu modo de vida, pois vendia as aves que matava, ás colarejas da praça da Figueira.

O rapazinho quando apanhava algum passaro, divertia-se em fazel-o voar, atando-lhe um barbante a alguma das perninhas. O passaro tanto padecia até que morria.

— E' malvadez dar a morte aos passarinhos que não fazem mal a ninguém! — diziam os outros rapazitos do logar ao seu companheiro.

— Pouco me importa — replicava este — *divirto me*, está acabado.

Um dia apanhou um passaro muito grande e muito bonito; verde, amarello e vermelho. Ficou satisfeitissimo.

— Querem ver que tambem dá cabo de mim — disse o passarão verde, amarello e vermelho quando se viu apanhado.

— Ora esta, o passarão fallal! — exclamou o rapazinho pasmado de admiração.

Dás-me a liberdade? — perguntou lhe o passaro.

— Isso é que não — respondeu o pequeno — fallas muito bem e tens umas pennas lindissimas. Não sou eu que te deixo fugir. Alem disso, apanhei-te, és meu.

O passaro calou se, convencido de que não tirava partido de um rapaz travesso e de mau coração.

Ao começo da noite d'aquelle mesmo dia, o rapazete brincava num pinhal proximo quando, de repente, viu um enorme gigante que lhe appareceu por entre as arvores.

O pequeno soltou um grito agudissimo. e quiz deitar a fugir; mas o gigante, dando um passo, impediu o de correr, impondo-lhe um obstaculo invencivel, qual era o seu enorme sapato. O pequerrucho pouco mais alto era do que a sola do sapato do gigante!

A noite tornou se subitamente escura e ameaçadora. Amiudados relampagos e longiquos trovões augmentavam o susto do nosso heroe causado pela inesperada appareção.

Curvou se o gigante, pegou no pequeno com dois dedos e levantou o até á altura dos olhos. O rapazete gritava como se o quizessem matar.

— E' boa! — exclamou o gigante com uma voz de trovão que estrugia tudo — este animalsinho grita!

— Tenha dó de mim, sr. gigante — disse o pequeno — eu não sou animalsinho, mas sim um infeliz menino que lhe pede, por tudo quanto ha, que não lhe tire a vida.

— Ora esta — proferiu o gigante, dando um pulo de alegria — o animalsinho fala.

— Por quem é — continuou o rapazete de mãos postas — dê-me a liberdade!

— Isso é que não — respondeu-lhe o gigante — fallas muito bem e és muito bonito. Não sou tão tolo que me prive do prazer de te conservar ao pé de mim, metido numa gaiola.

O pequerrucho, longe de ficar lisongeadado, entristeceu com a amabilidade do gigante.

— Lembras-te — continuou este — do que disseste esta manhã ao passaro verde, amarello e vermelho? *Apanhei-te, és meu.*

Esta manhã fui um perverso, um menino muito máo, porque abusei da minha força.

— Isso sei eu — disse o gigante — e tambem eu podia agora abusar da minha, se quizesse. Nada mais facil do que matar te. Quero, porem, ser justo. Desejo, apenas, que saibas, que é muito ruim aquel-

le que faz mal, só porque o pode fazer. Vae, pois, dar a liberdade ao passaro verde, amarello e vermelho, e toma cuidado não tornes a apanhar os ninhos ou a visco, passarinhos, para os martirisar e matar.

O rapazito partiu como um raio. Apenas chegou a casa poz em liberdade o passaro verde, amarello e vermelho, que era um formoso papagaio que andava fugido pelos campos, e nunca mais se esqueceu de que para não merecermos o mal que nos podem fazer, é mister que nós não o façamos seja a quem for.



## ALVORADAS

Avé Maria!... Assim o diz

A voz do sino,  
Cheios de unção, cantae febris.  
Preces de amor, preces gentis,  
Ao Deus Menino

Avé Maria!... O sino canta

Da terra aos ceos.  
Nosso Senhor, que se levanta,  
Escuta a prece piedosa e santa  
Dos filhos seus.

Avé Maria!... Orae, christãos

Aos pés da cruz.  
Rogae a Deus conselhos sãos,  
Erguei ao ceu as vossas mãos,  
Que é feita a luz.

Avé Maria!... A' tua dor

Nossa alma enlaça.  
Avé Maria, Mãe do Senhor,  
Cheia de luz, cheia de amor,  
Cheia de graça

F. DE VILHENA.







## Instrução obrigatória

**E** sem duvida principio excellentissimo a instrução primaria obrigatória; ha mais de sessenta annos que entre nós se falla em instrução obrigatória; mas como é que ha de implantar-se de vez tal principio se as nossas escolas não comportam o recenseamento escolar; se em grande numero de freguezias não ha escolas boas nem más; se a maior parte das casas que existem estão condemnadas, e só em Portugal se podem tolerar, porque só em Portugal o professor primario é considerado como o ultimo dos funcçionarios?

N'estas condições a obrigação do ensino primario é uma utopia sem valor. Enquanto não houver edificios escolares apropriados, o ensino tem de contentar-se com ser gratuito; obrigatorio nunca. E' insensato começar pelo fim.

SIMÕES DIAS.

## PORQUÊ!

Quanta miseria se passa  
Contra a lei da natureza!...  
Porque ha de haver a pobreza,  
A dôr, a fome, a desgraça?...

Vêde a avesinha, que traça  
Largos vôos com presteza;  
Em toda a parte tem mêza,  
E, farta e livre, esvoaça.

Quando tal penso, imagino  
Errado o plano divino,  
Por nos ser dada a razão.

Antes ser ave campeira,  
Que vaie cantando, ligeira,  
Sem ter que cuidar no pão!

## DAE!...

Dae!... A esmola abençoada  
Vem do azul do eterno amor,  
Como o orvalho da alvorada  
Vem do ceo, e cae na flor!

Mendigar na tenra idade,  
Sem pae, sem mãe, sem aninho!  
Ave implume, e não ter ninho!...  
Acudi-lhe, ó caridade!

Ao velho inerte, a dois passos  
Da derradeira mansão,  
Abre tambem os teus braços,  
E dae-lhe um quarto de pão!

E a pobre viuva,—a ver  
Morto o marido?... No lar,  
Nem um recurso sequer!...  
No berço, um filho a chorar!...

Cae, como orvalho na flor  
A esmola ao desgraçado!  
E' pranto, mas é d'amor!...  
Dae-lhe esse pranto sagrado!

Porque de todas as perolas,  
Com que o vasto mar se ufana,  
Nenhuma vale uma lagrima  
Da compaixão da alma humana!

BULHÃO PATO.

## "Folhas Soltas,"

**C**OM o presente numero das *Folhas Soltas* fica cumprida a missão que nos impozemos de dedicar vinte e quatro paginas de litteratura ligeira á formação de um opusculo, cujo producto da venda seria destinado a premios escolares.

A nossa iniciativa não encontrou, infelizmente, o auxilio que previmos. Entretanto, devemos tornar publico o nosso reconhecimento a todos os excellentissimos subscriptores, e em especial aos distinctos escriptores que nos honraram com as suas brilhantes produções litterarias.

Tambem aqui testemunhamos a nossa gratidão aos illustados riomoinhenses e nossos prestimosos amigos srs.: Antonio Soares Sanches, Antonio Pereira e Victor da Silveira, que muito nos auxiliaram n'esta cruzada.

Logo que tenhamos concluída a cobrança, enviaremos aos nossos dedicados assignantes uma nota com o balancete da receita e despeza e indicação do destino dado ao saldo positivo.

Com alguns numeros das *Folhas Soltas*, contamos formar, d'aqui a mezes, uma pequena monographia do Monte-pio Soares Mendes.

Para realisarmos este nosso desejo, tratamos de colligir diversos apontamentos.

### Recebemos dos ex.<sup>mos</sup> senhores:

Americo C squillo ( <i>Thomar</i> )....	500
Antonio Arruda ( <i>Santarem</i> )....	500
Antonio Gonçalves da Silveira...	200
Augusto de Oliveira Mora.....	300
João S. Esteves ( <i>Lisboa</i> ).....	200
José C. A. Casquilho ( <i>Thomar</i> )..	500
Conselheiro J. E. Simões Baião ( <i>Santarem</i> ).....	500
José Maria da Silva Ferreira ( <i>Lisboa</i> ).....	150
Manoel José de Moura ( <i>Constantia</i> ).....	500
Zeferino C. Conceição ( <i>Santarem</i> )	500

Dos outros ex.<sup>mos</sup> assignantes residentes em Rio de Moinhos, Abrantes, Sardoal, Rocio e Souto recebemos 100 réis.

O numero especial das *Folhas Soltas*, primorosamente collaborado e illustrado, pode obter-se: Em Rio de Moinhos na pharmacia Pires. Em Abrantes e Lisboa, nas principaes livrarias. Preço 500 réis.